

Discurso do Paranympo, aos Bachareis de 1925.

—Esperança desfeita seria a minha, Snrs. Doutores, se ao lêr pela primeira vez um discurso, eu me enganasse nos tons de minha sinceridade.

Acostumado a dizer-vos de viva voz, sem pauta, nem forçado pentagramma, tudo o que sinto, tudo que sei, tudo o que aprendi vos ensinando, vejo-me na situação do avarento millionario, que não pode contar as moedas de seu reconhecimento.

Rompo convoseco neste momento unico, onde já bruxoleia a Saudade, o pão da despedida, na *confarreatio* intellectual de nossos affectos.

—Sempre para mim tive, meus caros discipulos, que um discurso de padrinho deve ser uma benção.

Mas, é de praxe, um pouco de logar commun. Onde achal-o-hei? Na lição dos livros que não tivestes tempo de lêr? No ditado dos

Mestres, que ainda hoje se debatem no conceito das ideias fundamentaes da sciencia que professamos?

E chegaremos no fim de tão grande jornada, ainda tonteantes como o rei da ballada germanica ouvindo vozes de mysterio, que partem da treva, ou á espreita que Themis se desvende no afanoso embaraço de um gladio e uma balança? Fallencia do Direito?! Fallencia da Equidade?!

—Sem duvida equilibrio de forças. —
Mas que sei eu e que sabemos nós?

Depois de ter criado os deuses, o homem criou o Direito. Mas, enquanto as religiões perduram pela propria força da inercia, o Direito, criação humana como a Linguagem, como a Sciencia, como a Arte, em todas as suas manifestações, vae rapido na corrente evolutiva das sociedades. — Ai, do que pretender traçar limites a essa corrente fatal; ai, do que ficar á margem do grande rio! Será tragado!

—Mas, vêde bem, meus caros discipulos, quem diz evolução ainda não diz Progresso. A ideia de progresso encerra, talvez, em si mesma uma contradicção.

Porque, emfim, a humanidade jamais estacará. E muita vez destruímos, hoje, o que já havíamos construído de bom. De beneficio em beneficio ou de maldade em maldade, quando chegaremos?

—Curioso instincto do homem, fera que devora para ser devorada, inventamos a polvo-

ra que seria uma benção, mas, logo após, o canhão que é um flagello.

E, quem d'iria que, para vôar, as azas de Icaro nos levassem perto do céo, somente para despejar na mesquinha terra os engenhos de nossa crueldade!

—O Progresso estaria comvosco, filhos do morto e sempre vivo Oriente, quando, nos vossos antigos codigos, pagaveis o sangue derramado das victimas com um pouco de gado ou um pouco de virgens? Estaria comvosco o Progresso, filhos da formosa Grecia, bipartido entre dois genios adversos, porque no lacionismo sangrento de vossas leis, desculpaveis o furto para educar a destreza é eliminaveis os vossos filhos aleijados!

—Quando das derrocadas muralhas de Ifion, o heroico transfuga de uma civilisação vencida foi povôar os lares do Lacio, pensaria que o Poeta, que o immortalisou, seria o aulico de um Dictador, e, que mais tarde, oh' Quirites, os vossos *carmes decemviraes* justificassem, numa retorcida interpretação, que podieis vender os vossos filhos e as vossas mulheres?

—Estaria comvosco o Progresso, Padres e alchimistas da Edade Media, que no grande laboratorio torturante e sangrento, de onde surgio a Edade Moderna, guardaveis a sciencia daquelle tempo, porque, em verdade, somente vós sabieis lêr? Mas conspurcados no leite de Lucrecia pretendieis traçar limites a dominios territoriaes por descobrir?

Esquecidos de Deus, porque querieis ser de Cezar!

—E o Progresso estava convosco?!

E que fazia o Direito?

—Pequenino filão dormente das cavernas millenarias, escoando insinuante e breve atravez das *lapas dos Titães coevas*, a pouco e pouco se fez regato, onde os nossos longinquos maiores, acirrados pela fome e pelo amôr, na miragem rubra se espelhavam; depois, rio de sangue, que se avoluma, cresce, transborda, arrebatando na encapellada vaga as civilizações orientaes, ilhando ao penetrar no Occidente a Hellade adormecida ao culto da Belleza, onde a força com esta se conjugou, embora somente para deixar-nos a certeza de que a força é passageira e a belleza é eterna; escachoando, rugindo em torno de promontorio romano, onde a Urbs immortal se despio da toga vermelha da victoria, para com ella cobrir a inanidade dos vencedores vencidos; atravez dessa nevoenta Britania, que o genio latino acordou, para dar-nos o *habeus corpus* e o instincto de liberalismo, que ainda hoje desfarça o peso dos democracias coroadas; atravez dessa nebulosa Germania, que nos deu a Reforma e o livre exame, aquella, em seus intuitos, pequenina victoria sectarista, mas este grande pharol que illumina a Humanidade; atravez dessa irradiante Gallia, que nos deu as Communas, a Encyclopedia e a Revolução. coisas de que o scepticismo politico pode rir mas que garantem a immortalidade de um povo e asseguram o principio de que as nacionalidades não morrem; atravez

dessa amorosa Iberia, estigmatizada por oito seculos de dominação extranha e que Pelagio redimio na canorosa tuba do excelso Poeta do Mediterraneo; grande rio sangrento, onde será a tua foz?

No entanto a Humanidade quer paz!

Queremos arrotear os nossos campos, vêr crescer o germen da arvore que plantamos, vêr como ella aos poucos se desdobra em galhos indifferente a que lhe está perto e que é, talvez, a Inveja.

—As civilisações guerreiras, passaram. O ignorante da historia ou o que della apenas apercebe os factos, olha e não sente. Mas quando tivermos destruido as cidades, quando tivermos talado os campos, o que será deste despercebido planeta?! Certamente o cego Destino não nos enclausurou nesta pequenina prisão, só para que nos despedaçassemos.

—A ira dos Deuses impotentes não é, porém, o que mette mêdo; o que mette mêdo é a gana irada dos Cezares. E estes são proteiformes.

Nos primeiros tempos da humanidade vestiram as galas da força e de soldados, defensores da Patria ou da communhão, fizeram-se reis e imperadores. Disfarçaram-se, após, de sotaina e dividiram reinos e imperios. E, ainda agora, os Cezares populares afogam em sangue os servos, mais escravos que os da gleba e os moujiks inconfundiveis, que o genio slavo ensinou soffrer.

—Felizmente, parece, meos caros discipulos, que dos azulados lagos da Helvetica, surge frisando as aguas um Anjo (será?)

enrolando na frente, viridente grinalda de oliveira. *Sursum corda!* Abramos os nossos côgões, rasguemos as portas deste templo que é do Direito, mas não da Força e que esta Patria immortal, que os outros só passageiramente dominaram, mas nunca domaram, e que ensinou aos que sabem mais, que o arbitramento deve, de obrigação, preceder á ultima razão dos povos se prosterne a esse longinquo ruflar de azas, sonho de Poetas, que muita vez se transforma em Realidade.

—Affectuosa para mim, bem que de vós desconhecida coincidencia, meus caros discipulos! O Tempo, 29 annos, hoje exactos, no vosso convivio, volveu sobre mim o acerado semicirculo de sua foice. Não me abateu. E porque, Senhores Doutores? Porque bem que as gerações se succedem, sempre vos tive a meo lado, Mocidade! Naufrago de poderios e riquezas, ainda me sinto com forças de atravessar comvosco o Hellesponto, em busca de Hero, que não é só a Belleza, mas tambem a Sciencia. Não me arrogo o apanagio de ter trasido, para aqui, a semcerimonia com que nos tratamos fóra das aulas. Guardo a ventura, por todo esse tempo, da semcerimonia com que nas aulas encaminho as vossas duvidas e procuro responder as vossas objecções.

Um pouco de scepticismo litterario, mas fé nos destinos da Patria, da Humanidade e da Sciencia é o que vos deixo.

E, ainda me lembro de algumas de nossas conversas.

Insisti em dizer-vos que esta casa é a ca-

sa do livre pensamento. Todas as opiniões todas as crenças, menos os idolos e os superstições.

Se alguma vez me autorisei entrar em problemas mais concretos foi para lembrar-vos : no dominio de Direito Economico, que o trabalho é a alma do capital e um nunca viverá sem o outro; no Direito Constitucional brasileiro, que a republica não é uma criação artificial, ella foi argamassada com o sangue dos nossos Maiores e exotica era a Monarchia, que o aulicismo posthumo insidiosamente confunde com as qualidades pessoases dum Imperante; no Direito Administrativo nós concordamos, que nessa complicada engrenagem, o facil é não roubar, o difficil não deixar roubar; nos Direitos Civil e Commercial e seus respectivos processos, que, emquanto não os unificarmos, Mercurio pretenderá favores a uma ganancia especial e assim no Direito Militar (tanto nisto insisti) que a condição do soldado não modifica a condição de cidadão e que as jurisdicções especiaes, só em casos irrepresivéis, justificam a quebra de uma unidade de processos, que, como no direito commum, deve ser o anhelado de uma grande patria territorial.

Mas, era no Direito Criminal, que de perto manuseavamos, que nos insurgimos contra a pretensão de enquadrar todas as opiniões pessoases em tres Escolas, quando afinal só ha duas juridicas, aviventadas embóra por uma corrente destemida, que ia sendo esquecida desde Aristoteles *il maestro di color che sanno*, Quetelet, Gall e Spurzheim.

—Mas ficastes sabendo, que o crime é um phenomeno social sujeito por isto mais a influencias sociologicas, que aos factores anthropologicos. Ninguem nega a influencia da hereditariedade, mas como não são eguaes duas folhas da mesma arvore, tambem a indole ou o character têm muita cousa de mysterioso na sua genese e que a Sciencia ainda não poudé explicar por leis conhecidas. E sempre nos detivemos demorados, culpa de irrefreeavel attração, deante do problema da responsabilidade criminal das mulheres.

Menos sujeitas ás contingencias da lucha pela vida ellas commettem menos delictos.

Mas, olhae para traz e vêde quem vos armou o braço do punhal ou da gazúa...

Deixemo-nos, porém, de pretensões scientificas. As mulheres sabem a força de que dispõem e riem de nossa ignorancia. Ellas sabem que physiologicamente são desiguaes. No sentimento muito superiores.

Não ha coração de homem, que valha um coração de mulher. Na intelligencia criadora, só excepcionalmente maiores. Na acuidade do raciocinio, ellas, com ou sem cabellos compridos, vôam mais alto que nós; embóra o destino, que é o de completar-nos, as attraia para uma chamma, que é a vontade do homem. Deixae-as resolver o seo complexo problema. — As mulheres só tem um inimigo, são as mulheres! — Vendemol-as como escravas e ellas dominaram; emprestamol-as como generosos hospedes e, no triclinio como nos templos sagrados ainda fôram as mais fortes; casamol-as no incestuoso enlace das civilisações orien-

taes, mais ainda foi Cleopatra quem venceu o guerreiro romano. Fizemos leis contra ellas, mas estamos a interpretar-as como vencidos. *Non raggionam...*

—No entanto ainda ao despedir-me de vós, nestas linhas, aqui transcriptas, depois do afadigado labôr de nossos trabalhos de exames, ante-hontem findos, quero insistir na lembrança de que o Direito não é força inconsciente e a Sociedade cuja as instituições, como o desenvolvimento natural dos seres, cria novos seres.

Quantos virão depois? Certamente não seremos testemunhas dessas transformações. Os minutos de nossa existencia são seculos na existencia dos que parecem não viver, porque o seu movimento é despercebido. Mas, a intelligencia do homem (quem sabe?) terá meios de desvendar o que ainda achamos mysterioso. Entre o Céu e a terra, na phrase shakespeareana, ha muita cousa desconhecida! Tende confiança na Sciencia, que, em verdade, não é somente saber o que se sabe, mas procurar saber o que se não sabe! (1)

14—12—1925.

Gervasio Fioravanti.

(1) — A esta allocação em que o paranympho quiz salientar a ideia e sentimento da Paz, que elle lembrou na figura symbolica do frontespicio do edificio da Faculdade de Direito, seguio-se uma despedida mais intima á turma dos Bachareis de 1925, em cujo *quadro*

de formatura se lê a seguinte quadra, que é a ideia dominante da allocução :

Dá-me um pouco de luz, brada a Justiça!
Dá-me um pouco de Céu, grita a Equidade!
—E o Direito escachôa, ruge, avança...
Rio de sangue! (Quando a Paz se alcança?!)
—Em guarda 'Mocidade!
